

## **A relação do homem com a tecnologia: análise crítica do filme “Ela”, de Spike Jonze<sup>1</sup>**

Ana Dilara Maciel de Brito SOARES<sup>2</sup>  
Inara Maria Menezes SILVEIRA<sup>3</sup>  
Lucas Bruno de Moraes SALES<sup>4</sup>  
Marina Sales de Carvalho ROCHA<sup>5</sup>  
Cláudio Henrique Nunes de SENA<sup>6</sup>  
Universidade de Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O presente trabalho propõe realizar uma análise crítica do filme “Ela”, do diretor e roteirista Spike Jonze, à luz de discussões acerca do modo como a civilização moderna se utiliza da tecnologia e dos meios de comunicação em massa, evidenciando pontos positivos e negativos desse fenômeno. Desse estudo, evidenciam-se reflexões sobre o contato do homem com a tecnologia, sobre a natureza mutável das interações humanas e sobre como deve-se encarar a quantidade de informações e possibilidades presentes no cotidiano contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; análise; tecnologia; relacionamentos; comunicação.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **Introdução**

A produção audiovisual “Ela”, peça escolhida para análise, trata sobre o contato do homem com a tecnologia e sobre as interações humanas afetadas pela mesma. Também está em foco a maneira com que a sociedade contemporânea lida com o fluxo interminável de informações que flui entre seus membros, maneira essa que varia desde

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduanda de 1º semestre em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. E-mail: anadilara\_soares@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de 1º semestre em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. E-mail: inaramms@gmail.com

<sup>4</sup> Graduando de 1º semestre em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. E-mail: lucasbrunosales@gmail.com

<sup>5</sup> Graduanda de 1º semestre em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. E-mail: marina-sales11@hotmail.com

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza. E-mail: claudionhs@gmail.com

bloqueio à extremismo na hora de uma decisão. Isso se deve à distração gerada pela era da informação na qual vivemos, onde a sobrecarga de informações leva a sociedade a reagir de forma inadequada ou impulsiva perante as desavenças da vida moderna.

No decorrer do filme, algumas indagações fazem com que o espectador se pergunte se a realidade exposta no mesmo é verídica ou fictícia. Será que a inteligência artificial é realmente capaz de possuir sentimentos? Ou trata-se apenas de uma reprodução programada do comportamento humano? Afinal, é preciso lembrar que o sistema foi criado e desenvolvido por humanos.

Com base nesses questionamentos, o presente artigo busca realizar uma análise crítica do filme em questão, relacionando os seus aspectos com a cultura de massa, fenômeno estudado na disciplina História da Comunicação, e procurando ressaltar as relações humanas e tecnológicas retratadas no produto. A metodologia aplicada na elaboração desse artigo consistiu em pesquisas bibliográficas em obras e artigos científicos, com o intuito de realizar uma análise de natureza qualitativa.

Uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática imediata. (GIL, 1946, p.18)

Para tal, o artigo se desenvolverá nos seguintes tópicos: primeiramente, dar-se-á uma análise da relação histórica que o homem mantém com os meios tecnológicos. Seguidamente, será investigada a aplicação dessa temática no universo do cinema, para então examinar especificamente o longa-metragem “Ela”. No decorrer do trabalho, contar-se-á com uma fundamentação teórica embasada nos trabalhos de Pierre Lévy, Zygmunt Bauman, Sherry Turkle, dentre outros.

### **Sobre o objeto da análise: o filme “Ela”**

O longa-metragem “Ela” (título original: “Her”) foi escrito e dirigido por Spike Jonze e teve sua estreia no dia 13 de outubro de 2013 nos Estados Unidos e em 14 de fevereiro de 2014 no Brasil, possuindo os gêneros Drama, Ficção Científica e Romance como predominantes. O filme foi aclamado pela crítica e pelo público em geral, sendo escolhido como o melhor do ano de 2013 pela Associação de Críticos de Los Angeles, e

rendeu a Jonze prêmios como o Globo de Ouro e o Oscar na categoria de Melhor Roteiro Original.

Um dos maiores questionamentos apresentados pelo filme é a relação do protagonista Theodore (interpretado por Joaquin Phoenix), com o seu novo sistema operacional, Samantha (interpretado em voz por Scarlett Johansson). O grande conflito inicia-se quando o sistema operacional perde seu status de inteligência artificial e se torna algo mais complexo, dotado de personalidade e ganhando um aspecto quase humano. Samantha, à princípio, assume uma postura de companheira, desprovida de defeitos, exceto pela sua falta de forma física.

É esse fato que faz o filme desenvolver inúmeras questões sobre o que pode ser definido como um relacionamento. Além disso, o filme é situado em um futuro próximo que condiz com a tecnologia atual, pois observa-se que cada vez mais pessoas emergem em seus dispositivos eletrônicos e passam a viver grande parte da vida no mundo digital. Pierre Lévy (1999, p. 12) comenta sobre essa situação:

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor.

A narrativa questiona até que ponto a tecnologia é benéfica e saudável para a humanidade. O personagem principal passa a comparar as pessoas reais ao seu redor com seu sistema operacional, e se decepciona ao perceber que elas não atingiram as suas expectativas por não serem tão “perfeitas” quanto a máquina pela qual ele se encontra apaixonado.

Portanto, o filme foi escolhido como objeto de análise devido ao fato de, a partir de uma narrativa fictícia, fazer uma reflexão explícita sobre a abordagem dos temas estudados, tais como as diferentes formas que o homem moderno se relaciona com a tecnologia e com os meios de comunicação.

### **A relação do homem moderno com a tecnologia**

Desde o princípio, o Homo Sapiens que conhecemos hoje desenvolveu-se em diferentes e contínuas fases. Nossa espécie foi formulando um novo pensamento, uma

forma inusitada de viver em comunidade, refinando e aprimorando tecnologias que serão inseridas ininterruptamente no contexto em que se encontram. O homem vem se descobrindo a partir de sua avidez por desvendar os mistérios do mundo no qual habita, em obter respostas para seus constantes questionamentos existenciais. Essa perspectiva é confirmada por Edgar Morin (1988, p. 3) ao afirmar: “No entanto, o tema da natureza humana não parou de suscitar interrogação [...], mas só se descobriu o desconhecido, a incerteza, a contradição, o erro”.

A necessidade de se comunicar com seus semelhantes sempre foi algo presente, afim de expressar sentimentos e até mesmo para garantir a sobrevivência do grupo. As técnicas de comunicação foram se refinando a partir de uma evolução biológica que permitiu que tudo se tornasse cada vez mais complexo.

Uma necessidade constante do cérebro por algo de que ele possa se alimentar, pode ser vista como um impulso humano básico, e o poder de comunicar se torna não uma feliz e fortuita invenção, mas uma necessidade essencial e inevitável à sobrevivência humana. (SHERA, 1977, p. 10)

As tecnologias foram criadas e aprimoradas ao longo dos anos, até chegar a sua forma que conhecemos e consumimos atualmente, por existir uma demanda. O ser humano sempre teve dentro de si a sagacidade de estar progressivamente evoluindo, permitindo assim que a tecnologia tomasse a proporção atual. Segundo Lévy (1994): “Com o espaço cibernético temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.”

A consequência de toda a tecnologia desenvolvida até hoje é dividida em dois pontos distintos e controversos, pois ao mesmo tempo que proporciona a uma parte específica da humanidade uma melhor qualidade de vida, ela também pode dizimar não apenas conceitos estabelecidos pela nossa cultura desde a sua origem, como a interação pessoal de indivíduo para indivíduo, mas também na forma como impacta em nossas vidas de modo geral.

No contexto em que estamos inseridos, a tecnologia não é algo opcional, e sim fundamental, e toda a nação vem sendo construída em cima de tal fator. O uso das redes de tecnologia de comunicação se tornaram não apenas acessíveis, mas insubstituíveis. Acerca disso, vale refletir:

Com sua popularização, essas ferramentas passam a fazer parte do dia a dia de milhares de pessoas em todo o mundo, incorporados no cotidiano de suas práticas de comunicação. Passam a ser utilizadas, também, como espaços conversacionais, ou seja, espaços onde a interação com outros indivíduos adquire contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. Esses espaços são decorrentes de práticas sociais que vão reconstruir sentidos e convenções para a conversação online. (RECUERO, 2010, p. 1).

Segundo André Lemos (2004), os ambientes modernos do mundo globalizado são caracterizados por uma forte fluidez. Essas informações possuem um potencial de possível dissipação em massa de forma construtiva ou destrutiva, dependendo de como for utilizada. A agilidade exacerbada na transmissão da mensagem vai ocasionando a perda da essência da informação, pois em um meio onde a facilidade e a instantaneidade são fundamentais, o tempo necessário para a realização de uma análise crítica bem fundamentada é totalmente descartado.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, por sua vez, é responsável pela criação do conceito de “modernidade líquida”, que abrange, de modo geral, a sociedade em que vivemos atualmente. Bauman (2000) evidencia o aspecto líquido dessa sociedade ao compará-la com a água, que, ao mudar de recipiente, modifica sua forma, mas preserva sua essência, ou seja, aquilo que a classifica como a substância que é. Assim também pode-se caracterizar o mundo moderno: em constante mutação, onde as ideias, conceitos, valores, informações e instituições se transformam de modo ininterrupto e às vezes até mesmo impercebível, libertando-se de formas definidas.

Também muito presente na concepção de Bauman (2000) de modernidade está a ideia de velocidade, onde os indivíduos estariam sempre “correndo sobre um gelo fino”, por assim dizer, avançando sem rumo, sem propósito e sem destino certo, na tentativa de acompanhar as mudanças do mundo atual sem serem “engolidos”, vencidos por ele.

Isso põe em pauta o verdadeiro significado das noções de liberdade e identidade, que se confundem em uma sociedade consumista, tomada pelo desejo e pelo medo do fracasso, e que se distancia da verdadeira cidadania ao se tornar cada vez mais seletiva, econômica e socialmente. Sobre isso, o autor elucida:

Indivíduos, frágeis ou não, precisam de segurança, anseiam por segurança, buscam a segurança e assim tentam, ao

máximo, fazer o que fazem com a máxima velocidade. Estando entre os corredores rápidos, diminuir a velocidade significa ser deixado para trás; ao patinar em gelo fino, diminuir a velocidade também significa a ameaça real de afogar-se. Portanto, a velocidade sobe para o topo da lista dos valores de sobrevivência. (BAUMAN, 2000).

Ademais, destaca-se a teoria da singularidade tecnológica, defendida por cientistas como Vernor Vinge, a quem é atribuída a criação do termo, e Raymond Kurzweil, que retrata um evento previsto para o futuro onde a humanidade passará por um grande avanço tecnológico em um curto espaço de tempo, fazendo com que a inteligência artificial<sup>7</sup> seja capaz de superar a capacidade da própria mente humana. Nas palavras de Vinge (1993, apud PALAZZO; VANZIN, 2010, p. 2):

Within thirty years, we will have the technological means to create superhuman intelligence. Shortly after, the human era will be ended. Is such progress avoidable? If not to be avoided, can events be guided so that we may survive?<sup>8</sup>

Essa teoria adquiriu diversas interpretações ao longo da história, principalmente após o grande progresso científico e tecnológico dos últimos tempos, fazendo com que a singularidade fosse vista por alguns teóricos como o marco mais importante da história da modernidade, comparável ao surgimento da inteligência humana na Terra ou até mesmo o equivalente a uma quarta revolução industrial.

Embasando-se nos avanços recorrentes em vários ramos da ciência, como a medicina, a biologia, a informática e a astronomia, as verdadeiras consequências de tal evento são tidas como irrefreáveis e imprevisíveis, acreditando-se apenas que irão alterar profundamente o modo como a civilização se relaciona e confia no uso na tecnologia. Isso pode acarretar tanto em descobertas científicas que estariam muito além dos limites do conhecimento humano, como em potenciais perigos relacionados a uma espécie de rebelião das máquinas devido à inversão de sua relação de submissão aos humanos.

---

<sup>7</sup> Normalmente definida como a inteligência similar à humana exibida por mecanismos ou softwares. Também é um campo de estudo acadêmico.

<sup>8</sup> Tradução livre: “Em 30 anos, nós teremos os meios tecnológicos necessários para criar uma inteligência super-humana. Logo após, a era humana chegará ao fim. Esse progresso pode ser evitado? Se não, podem tais eventos serem guiados de modo que possamos sobreviver?”

## **Abordagem da tecnologia pelo universo cinematográfico**

Tratando-se dos temas apresentados acima, existem diversos exemplos de um retrato dessa sociedade, “líquida” e subordinada à tecnologia e aos meios de comunicação, no universo do cinema. Dentre esses, é possível traçar um estudo sobre a abordagem dessas questões pelo cinema, selecionando como exemplos alguns dos mais importantes antecessores de nosso objeto de estudo, a película “Ela”.

Em 1902, o cineasta francês George Méliès lançava o filme “Viagem à Lua”, que não apenas seria responsável por imortalizá-lo, mas também por revolucionar, mesmo que discretamente, a história do cinema. A obra de Méliès é tida como precursora do gênero ficção-científica no mundo cinematográfico, e considerado o primeiro filme a tratar de um possível contato humano com seres extraterrestres, implantando na mente do público a questão que seria repetida e explorada inúmeras vezes dali em diante: poderia, de fato, a tecnologia levar o homem tão longe?

Vinte e cinco anos depois, “Metrópolis”, do cineasta austríaco Fritz Lang, consagra-se como uma obra-prima atemporal. Situado no ano de 2026, não tão longe dos tempos atuais, o filme retrata uma empresa dividida entre trabalhadores “pensantes” e “braçais”, e como a criação de um robô com aparência humana, inicialmente visando evitar um possível motim, acaba por atizar ódio e paixão entre os trabalhadores, trazendo à tona o questionamento de se é possível misturar sentimentos humanos às configurações das máquinas.

Em 1968, o cineasta Stanley Kubrick e o autor e roteirista Arthur C. Clarke criam o clássico “2001: Uma Odisseia no Espaço”, que segue uma equipe de cientistas a bordo da espaçonave *Discovery One*, controlada pelo computador HAL 9000, uma máquina amigável, supostamente infalível e capaz de tomar decisões de maneira independente. Quando os tripulantes suspeitam de um erro e cogitam desligá-lo, o computador decide assumir o controle da missão, justificando que qualquer eventual falha será devida ao “erro humano”. O filme lida com os perigos da inteligência artificial, perpassado por temas como a evolução humana e o existencialismo.

Já em 1982, “Blade Runner: O Caçador de Andróides”, de Ridley Scott, se aproxima ainda mais do nosso presente, mostrando o ano de 2019 como o ponto em que a civilização humana já haveria colonizado o espaço e onde homens e máquinas

começam a se confundir uns com os outros. Dois anos depois, “O Exterminador do Futuro”, de James Cameron, dá continuidade a essa discussão, retratando uma verdadeira guerra entre os humanos e a tecnologia consciente, além de aspectos como viagem no tempo e senso de justiça.

A trilogia “Matrix” (1999-2003), das irmãs Lily e Lana Wachowski, aborda um cenário onde a tecnologia é tão dominante em relação à civilização ao ponto de os humanos se tornarem prisioneiros de uma vida que não passa de uma simulação em uma espécie de realidade virtual. Sobre isso, vale ressaltar:

Acho que se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual. Em outros termos, creio que enquanto os especialistas continuam a falar do real e do virtual, as pessoas constroem uma vida na qual as fronteiras são cada vez mais permeáveis. [...] se as pessoas gastam tanto tempo e energia emocional no virtual, por que falar do material como se fosse o único real? (TURKLE, 1999, p. 118).

Já em 2004, o filme “Eu, Robô”, do cineasta Alex Proyas, traz à vida as histórias do escritor e bioquímico russo Isaac Asimov, famoso pelas suas Três Leis da Robótica<sup>9</sup>, onde indaga sobre os limites da relação de confiança dos homens em seus serviços mecânicos.

Outros filmes, por sua vez, dirigiram seu foco à influência que a tecnologia inteligente pode causar no simples cotidiano humano e em valores mais complexos e “consagrados”, como o lar e a família. “O Homem Bicentenário” (1999), de Chris Columbus, acompanha a transformação de um robô programado para realizar tarefas domésticas em um quase humano, desenvolvendo emoções próprias e passando a buscar a liberdade.

Já o drama “A. I. Inteligência Artificial” (2001), de Steven Spielberg, apresenta uma criança-androide programada para demonstrar emoções humanas, que é adotada por um casal para substituir seu único filho, doente e em estado vegetativo. Porém, quando o verdadeiro filho retorna à casa, o robô parte numa tentativa de se humanizar

---

<sup>9</sup> Princípios criados por Asimov e aplicados aos robôs presentes em suas obras de ficção científica. Em resumo, seriam: não ferir um humano, não desobedecer a um humano e proteger a si mesmo. Essas leis visavam tornar possível a coexistência entre máquinas inteligentes e seres humanos.



verdadeiramente para reconquistar seu lugar na família, colocando em pauta uma série de questionamentos que vão do ponto de vista moral ao científico.

Por fim, o aclamado “Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças” (2004), de Michael Gondry, acompanha um casal que, após um romance fracassado, decide se submeter a um procedimento tecnológico que apaga as memórias que um mantém do outro, para fugir da dor e do sofrimento. O filme serve como um retrato honesto e plausível de como a própria natureza das relações humanas pode ser radicalmente modificada pelos avanços da tecnologia, e como esse processo pode acontecer de maneira sutil e quase imperceptível pela sociedade em geral.

Nota-se, então, que a temática da relação do homem com a tecnologia à sua volta é complexa o suficiente para ser abordada em diferentes alcances e perspectivas, como visto nos exemplos acima. O que é retratado no meio cinematográfico trata-se um reflexo de uma realidade iminente para as sociedades contemporâneas, e um fenômeno social que abarca o próprio destino das civilizações.

### **Análise do filme “Ela” sob a luz da tecnologia e da cultura de massa**

De acordo com Melvin L. DeFleur (1993, p. 41), “a comunicação de massa virara um dos fatos mais significativos e inescapáveis da vida moderna”. O termo “sociedade de massa” é usado quando nos referimos a uma forma de organização social específica e bastante recente. Trata-se de sociedades em que a grande maioria da população encontra-se inserida em um processo de produção e consumo em larga escala de bens e serviços, além de estar em conformidade com determinado modelo de comportamento generalizado.

Portanto, ao fazer uma análise da história da sociedade de massa, é possível afirmar que ela trouxe um aumento da heterogeneidade e, ao mesmo tempo, da individualidade. Isso é perceptível em vários pontos do filme. A demanda de reciprocidade, a busca inconsciente por conexão e empatia, entre outros aspectos ressaltados, chamam atenção à alienação e solidão na era digital, sobretudo, o agravamento do isolamento psicológico do ser humano, retratado durante o processo de apresentação do personagem principal, são fatos presentes no longa-metragem de Spike Jonze.

A partir do conceito de sociedade de massa, entende-se que os meios de comunicação se tornaram catalizadores do processo de massificação. A aceitação e a popularização da imprensa, o cinema como divertimento familiar, o rádio como percursor de conteúdo nas casas, e posteriormente, as televisões, tudo isso faz parte da comunicação de massa, que tem a característica de chegar a uma grande quantidade de receptores ao mesmo tempo. Esses aspectos que podem ser percebidos em “Ela” e são acentuados na obra de Pierre Levy (1999, p.193):

Os novos modos de comunicação e de acesso à informação se definem por seu caráter diferenciado e personalizável, sua reciprocidade, um estilo de navegação transversal e hipertextual, a participação em comunidades e mundos virtuais diversos, etc.

Chegando ao universo do filme, temos o advento da internet e da tecnologia, esta que não é um mero componente da vida em sociedade, mas sim o próprio ambiente, a própria malha na qual as relações sociais se constituem. Os meios de comunicação de massa e sua avançada tecnologia retratada no filme enfraquecem e despersonalizam as relações humanas. Esse cenário se confirma no conceito universal da cibercultura de Pierre Levy (1999, p. 111):

[...] Não quero dar a entender, com isso, que a universalidade do ciberespaço é “neutra” ou sem consequências, visto que o próprio fato do processo de interconexão já tem, e terá ainda mais no futuro, imensas repercussões na atividade econômica, política e cultural. Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade.

A perda de valores importantes à essência do ser humano, como o amor e o tempo, bem como a banalização dos sentimentos em geral é retratada no filme a partir de aspectos como o próprio emprego do protagonista, que trabalha escrevendo cartas de alto teor emocional para outras pessoas. A falta de convívio social está atrelada ao entretenimento alienado e ao controle de liberdade impostos a Theodore de forma a tentar distraí-lo de uma possível depressão.

Bauman (2000), ao afirmar que “a desconexão, o fim de um relacionamento é normalmente difícil e frequentemente doloroso”, exemplifica o término de Theodore com sua esposa Catherine, e nos apresenta a um questionamento sobre seu relacionamento com o sistema operacional Samantha, já que, segundo o sociólogo, “a desconexão na internet é mais fácil do que deveria ser”, e fica claro, ao final do filme,

que trata-se do oposto: para Theodore, era mais fácil manter um relacionamento com uma tecnologia inteligente do que sair da sua zona de conforto e enfrentar os desafios de uma relação presencial.

Durante o filme se faz evidente uma força de trabalho enfadada em virtude do excesso de informações e entretenimento sem grandes esforços, acrescido de uma economia de tempo, aspecto presente na modernidade e apontado por Bauman. Isso é percebido pelo refinamento de informações, como em cenas em que apenas um comando de voz é suficiente para selecionar o que o personagem quer ou não fazer.

No entanto, percebe-se que essa relação não é de todo ruim, pois em determinado instante do filme a alienação não é total, como quando a afilhada do protagonista não entende a situação de Samantha, nem o porquê de ela manter um relacionamento com um humano mesmo não tendo um corpo. Essa constatação abre margem para questionar se, após o fim dos sistemas operacionais, a alienação causada pela indústria de massa, que se aproveita das necessidades do ser humano para oferecer ou impor seus produtos e manipular seu público, terá um fim.

Em relação ao indivíduo na sociedade de massa, é possível concordar com o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, o qual utiliza o termo “homem-massa”, deixando claro que ele é a expressão do conformismo com as determinações exteriores. Ortega (1937) afirma que “a massa é o que não actua por si mesma. Veio ao mundo para ser dirigida, influída, representada, organizada – até deixar de ser massa, ou, pelo menos, aspirar a isso”. O homem-massa, portanto, é aquele que se sente confortável quando se vê igual aos indivíduos ao seu redor, ou seja, em conformidade com a massa. A análise dessa vertente leva-nos a perceber uma contrariedade com o personagem principal Theodore, que na verdade se sente traído por seu sistema operacional ao descobrir que não é único, e sim apenas mais um comum consumidor do produto.

A mídia de massa que hoje é representada pela internet pode ser caracterizada como algo culturalmente importante às relações do ser humano. O indivíduo é estático em seu nicho social até se comunicar com outro. O que ocorre no filme é a ocupação desse papel pelo sistema operacional, a preocupação de Theodore em agradar e se comunicar frequentemente com o programa nos leva a acreditar que Samantha é, para ele, a única interação social necessária.

No decorrer do longa, Samantha se autoconstrói como indivíduo com base nas suas próprias interpretações das ações humanas e nos produtos disponibilizados pela tecnologia, que influenciam na criação de seu caráter. Percebe-se por meio de tudo isso que o integrante da massa exerce características de alienação e que a sua comparação ao sistema operacional externa esse problema. A maneira diferente de lidar com as dificuldades mostra a padronização dos discursos e a repetição característica do conceito de homem-massa. Apesar de toda essa descrição estar de acordo com os personagens do universo do filme, isso não se aplica ao protagonista, o qual não acredita ser apenas uma peça da engrenagem social e nem ter suas ideias implantadas pela mídia e pela inteligência artificial.

O problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e mesmo culturais do homem [...] para simplificar: poucas pessoas desejavam ser libertadas, menos ainda estavam dispostas a agir para isso, e virtualmente ninguém tinha certeza de como a libertação da sociedade poderia distinguir-se do Estado em que se encontrava. (BAUMAN, 2000, p.15)

No que diz respeito a questão estética, destaca-se a cenografia constituída em um universo futurístico não muito distante da atualidade, como evidenciado pelo uso demasiado de dispositivos eletrônicos em todos os âmbitos do cotidiano apresentado na obra em estudo, somado a interação entre os personagens, sempre superficial e submetida à internet. Fator esse que se opõe ao figurino exibido, podendo ser interpretado como antiquado para a época exposta. Por conseguinte, o espectador se encontra confuso no espaço e no tempo, ao se deparar com uma realidade que mescla o passado e o futuro.

As afiliações e sensações provocadas pelas cores utilizadas pelo diretor marca as etapas da vida do protagonista. Quando Theodore está sozinho, seja trabalhando ou em casa, o cenário tem cores vivas e gritantes, ao contrário dos momentos em que existe o contato entre ele e o sistema operacional, apontados como os mais marcantes na vida de Theodore, onde tudo fica mais discreto, acinzentado e apático.

A cor é a forma mais imediata de comunicação não verbal. É natural que tenhamos reações a ela [...] A cor é usada para representar pensamentos e emoções de uma forma que nenhum outro elemento do design consegue, e pode chamar a atenção de modo instantâneo. (AMBROSE; HARRIS, 2009).

Vale ainda ressaltar que, através das cores, Spike Jonze almejou distanciar o filme da atmosfera de ficção científica tão saturada no universo do cinema, escolhendo um visual que não transparecesse agressivamente o tom futurista presente no mesmo. Isso torna-se claro pela decisão do diretor de praticamente banir as cores azul e verde da produção.

Em relação à sua trilha sonora, percebe-se que o elemento música foi utilizado no filme de forma sutil e discreta, a fim de não induzir o espectador a analisar as cenas de determinada maneira, deixando com que os sentimentos presentes no inconsciente de cada um guiem a interpretação das mensagens transmitidas pelo longa-metragem, pois, como afirma Carrasco (2010): “A totalidade de um filme compreende a sua trilha musical, e o resultado desse filme enquanto obra artística é único. Com outra música, seria outro filme, pois sua trilha musical é parte de sua articulação poética.”

O próprio tom seguido pelo roteiro do filme disfarça importantes reflexões filosóficas com momentos de humor, constantemente mesclando elementos de comédia e drama para sustentar essa ambiguidade.

### **Considerações finais**

Ao final dos estudos realizados para a produção desse artigo, percebe-se que a tecnologia existe como forma de auxílio, mas não como substituição da presença e do trabalho humano. Durante o enredo do filme em questão, a cautela sob os limites da utilização da tecnologia é algo a ser observado, pois pode acabar por tornar-se uma ferramenta de isolamento do mundo, e assim causar diversos problemas sociais, como a alienação, a inversão de valores e a privação de interação humana.

É evidente na sociedade a quantidade de benefícios trazidos pela tecnologia, e que apenas são possíveis graças aos avanços nessa área, como uma maior proximidade e facilidade de acesso às informações de qualquer lugar do mundo. Percebeu-se também que a realidade retratada no filme condiz fortemente com o contexto atual da cultura de massa, onde as carências do ser humano são facilmente perceptíveis, e tal fragilidade é explorada pelo sistema a fim de se obter poder, manipulando conceitos e comportamentos, além de fins lucrativos a partir da tentativa de suprir esse déficit da geração em questão.

Dessa forma, os conceitos abordados nesse artigo, como a característica de uma modernidade líquida de Zygmunt Bauman, o ciberespaço de Pierre Lévy, a cibercidade de André Lemos e a relação do ser humano com as redes sociais de Raquel Recuero, dentre outros, são alguns dos aspectos perceptíveis no filme “Ela” e em uma série de outras retratações do universo do cinema que nos ajudam a perceber a proximidade da ficção com a realidade atual, e assim analisar as vantagens e desvantagens do avanço da mídia de massa e da tecnologia na contemporaneidade.

## Referências

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Design básico: cor**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CARRASCO, Ney. **Trilhas: o som e a música no cinema. 2010**. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n116/09.pdf>>. Acessado em: 30/04/2017.

DEFLEUR, Marvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. Disponível em: <[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf)>. Acessado em : 27/04/2017.

LEMONS, André. **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. 1994. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2514.pdf>>. Acessado em: 14/04/2017.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a Natureza Humana**. Europa-América, 1988.

ORR, Christopher. **Why “Her” is the Best Film of the Year**. The Atlantic, 2013. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/12/why-em-her-em-is-the-best-film-of-the-year/282544/>>. Acessado em: 16/04/2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Portugal: Relógio d’Água, 1926. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/o-homemmassa-jose-ortega-y-gasset>>. Acessado em: 13/04/2017.

PALAZZO, Luiz Antônio Moro; VANZIN, Tarcísio. **Superinteligência Artificial e a Singularidade Tecnológica**. 2010. Disponível em:  
<<http://infocat.ucpel.tche.br/disc/ia/m01/SAST.pdf>>. Acessado em: 17/04/2017.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador**. 2010. Disponível em:  
<<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>>. Acessado em: 17/04/2017.

RIZOS, Jason. **Spike Jonze's HER: A Critical Analysis**. Supercenter Nation, 2014. Disponível em: <<http://www.supercenternation.com/index.php/spike-jonzes-her-a-critical-analysis/>>. Acessado em: 16/04/2017.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Sociedade de massa**. Brasil Escola. Disponível em:  
<<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociedade-massa.htm>>. Acessado em 13/04/2017.

RUI, Fernando. **Como Lidar Excesso de Informação**. Disponível em: <  
<http://crescimentocontinuo.com/como-lidar-excesso-de-informacao/>>. Acesso em: 27/04/2017.

SHERA, Jesse. **Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia**. 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>>. Acessado em: 30/04/2017.

STRANGE, Adario. **Why “Her” is the best Movie Ever Made about the Singularity**. Mashable, 2014. Disponível em: <<http://mashable.com/2014/01/15/her-singularity/#3.ynmIbS.sqG>>. Acessado em: 16/04/2017.

TURKLE, Sherry. **Fronteiras do Real e do Virtual**. Revista FAMECOS: Porto Alegre, 1999. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3057/2335>>. Acessado em: 17/04/2017.